

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

ESCOLA DE BELAS ARTES – EBA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

Leito

Disciplina: Laboratório de Experimentação Fotopoética

Curso: Doutorado em Poéticas Interdisciplinares

Professor: Carlos Murad

Aluno: Carlos Eduardo Felix da Costa

Ano: 2010

Introdução

Anos de solidão haviam-lhe ensinado que os dias, na memória, tendem a ser iguais, mas que não há um dia, nem mesmo de prisão ou de hospital, que não traga surpresas.¹

Esta é uma escrita revisitada. As vésperas de sua entrega, uma estranha *surpresa* impulsionou modificações e praticamente a elaboração de um novo trabalho. Parecia incompleto anteriormente, agora talvez, a brutalidade tenha entregado um pouco de forma.

As reflexões aqui contidas dão continuidade as leituras e conversas em sala de aula, amavelmente afetadas pela colaboração de colegas e orientador, assim como por nuances dados pelos eventos recentes. São modestos fragmentos de uma travessia maior, que espero ser capaz de dar contorno e significado na ocasião necessária.

Para tanto, foi tomada uma liberdade formal já adotada em outras oportunidades e que tem parecido funcionar como meio de cartografar as estrelas distantes que constituem nossas complexas constelações poéticas. Apesar da sensação de dispersão e opacidade experimentada neste processo, este método consiste no registro diário e desprovido de censura no que convencionamos denominar “diário onírico”, seguido pela análise e acréscimo sobre os mesmos de novos conteúdos.

Na tentativa de assegurar lastro, proteção e simplicidade a jornada, busquei unir estas partes dispersas à sombra de poucos, mas fundamentais autores. Seus indícios serão percebidos por imagens recorrentes em seus repertórios e pelo modo como certos assuntos serão introduzidos. Eles farão parte da companhia histórica e intelectual, que pretendo utilizar no processo posterior de tese, e que aqui inicio uma humilde e afetiva aproximação.

Sua chegada ao mundo enfrentou algumas dificuldades. Apesar do aparente espaço disponível para leitura e reflexão, o progresso foi extremamente lento. O que aqui se apresenta foi fruto de resistência e força de vontade diante de circunstâncias desanimadoras. Se a espera foi longa, peço apenas um pouco de compreensão. Necessitei de tempo para dar plástica a minha reclusão forçada.

Escolhas

¹ BORGES, Jorge Luis. *O Aleph*. São Paulo: Editora Globo, 2005. Página 145.

No primeiro volume de Parerga und Paralipomena reli que todos os fatos que podem ocorrer a um homem, desde o instante de seu nascimento até a sua morte, foram prefixados por ele. Assim, toda negligência é deliberada, todo casual encontro, uma hora marcada, toda humilhação, uma penitência, todo fracasso, uma misteriosa vitória, toda morte, um suicídio. Não há consolo mais hábil que o pensamento de que escolhemos nossas desgraças; essa teologia individual nos revela uma ordem secreta e prodigiosamente nos confunde com a divindade.²

Estas foram as últimas sentenças que li antes de meu acidente. Posso afirmar isso pois a obra estava entre os pertences que me acompanharam ao hospital. A sucessão dos dias as apagou da memória. No entanto, após despertar no leito, minha primeira busca por distração levou-me a abrir o único livro que se encontrava ao alcance das mãos. Retirando o marcador da página, reli o trecho.

O impacto das palavras foi intenso. Minha primeira reação foi de perplexidade e ridículo; me senti personagem de um clichê, intérprete de uma cena mal redigida que escrevi para mim mesmo. Julguei que o desespero por preencher as lacunas de causa e efeito para o que estava vivendo era tão grande, que qualquer leitura seria a busca obcecada por sinais e confirmações que oferecessem alguma razão para aquele evento ainda sem sentido.

Para fugir dos jogos viróticos e circulares da mente, julguei tudo apenas coincidências. Mas sem sucesso. Não consegui desviar meus pensamentos da idéia perturbadora que acabava de me ser *recordada*. Por fim, desisti e – como afirma uma voz mais experiente que me aconselha – “*parei de fugir do inescapável*”, passando a adotar essa proposição como uma verdade inabalável. Subitamente, o silêncio e a serenidade me dominaram e tornei-me o agente de minha provação.

Não preciso mais sair em busca de qualquer outra explicação para meu desafio doméstico. Estou diante de uma oportunidade de aprendizado, mesmo que ainda não tenha conseguido esclarecer exatamente os motivos pelos quais me levaram a esta decisão. Como afirma Rilke: *cada experiência tem uma velocidade especial segundo a qual ela deve ser vivida, para que seja nova, profunda e frutífera; e a sabedoria consiste em encontrar essa velocidade para cada caso individual.*³ Isso já é o suficiente.

Meu Zahir

² BORGES, Jorge Luis. *O Aleph*. São Paulo: Editora Globo, 2005. Página 92.

³ RILKE, Rainer Maria. *Cartas do poeta sobre a vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Página 63.

Há quem afirme que podemos ser tomados por coisas ou seres inolvidáveis, que tem a virtude de enlouquecer os homens por nunca abandonar suas mentes, cujas imagens ficam para sempre a atormentar e impedem o desvio da atenção. São tão cheios de mistério e sedução que é impossível decifra-los. Livrai-nos os deuses de tocar os olhos em algo assim.

Borges conta-nos que podem assumir formatos diversos: uma moeda, um garanhão, um astrolábio de cobre, um tigre mágico – não importa – o efeito de sua contemplação é sem escapatória. Talvez por esse motivo, em árabe signifique *evidente, sempre visível*. Algo que não somos capazes de ignorar, como o poder divino; não ao acaso, também é um dos noventa e nove nomes de Deus. Será o Zahir, portanto, um corpo que é o reflexo de tudo que há, foi e será, e que por isso mesmo fonte de doentio fascínio? Portador de poder demiurgo e demoníaco indistintos?

Para diversas correntes místicas essa idéia não é difícil de ser aceita. O homem é visto como um microcosmo, um simbólico espelho do universo, parte e todo simultaneamente, divindade e pecador. Se tamanha potência e vigor nos Budas que por aqui caminharam é possível, também é possível sua manifestação em objetos ou animais, afinal somos constituídos pelos mesmos elementos.

Hoje convivo com uma peça metálica em meu corpo, que devo também chamar de perna. Está enterrada em meu fêmur até o fim. Todos os dias tento tangibilizar nossa união. Mas olho para as radiografias e custo a aceitar que há algo dentro de mim além de mim mesmo, e que apesar de tão artificial, será como qualquer outro órgão. Por mais que me esforce ainda é desconfortável essa convivência, pois nunca a vi, se quer a sinto e o único indício de que se encontra em meu interior são três pequenos rasgos na pele, muito menores do que seu tamanho real.

Paradoxos indecifráveis assim só podem ser assimilados pela magia, pois a racionalidade possui seus limites. Então, para abrandar a perplexidade, simplesmente começo a fantasiar; imagino que sou uma enorme baleia e que em meu ventre perece um capitão. O engoli inteiro, de uma só vez, mas esqueci de mastiga-lo. Por isso fica a migrar por minha barriga, blasfemando maldições e me odiando. Incansável é seu lamento e hoje fico em dúvida quanto em ser o predador, pois estou condenado a ser assombrado por meu caro festim; em outro devaneio, acredito que tornei-me um enorme diapasão. Me entreguei as mãos de um luthier e pedi para ser afinado ao som do universo. Apesar de toda a dor na busca pelas frequências apropriadas, agora posso realmente sentir o mundo e reverberar os sons das estruturas mais mudas. Hoje conversei com uma montanha e com os pêlos de um carneiro, com uma serpente enquanto deixava sua pele e com uma rosa, ao dar à luz a um de seus espinhos. Aprendi muitas palavras novas, com significados

precisos para muitas das coisas que não tem nome, mas não posso compartilhar, porque são impronunciáveis em qualquer linguagem dos homens.

O discurso tardio

Ontem não consegui me manifestar durante o debate. Minhas idéias não estavam claras e meu incômodo físico diminuiu minha paciência para com os outros integrantes da mesa. Peço desculpas, isso talvez tenha sido arrogante de minha parte. Mas se tivesse tomado a palavra, gostaria de ter dito isso:

“Boa tarde. O grande número de direções que esta conversa têm gerado dificultam enormemente qualquer opinião; ela será apenas mais um pensamento a se diluir entre outros e aumentar a sensação de contaminação nociva que algumas de nossas idéias podem ter sobre as palavras de nossos companheiros. Ainda assim, somos movidos por algo em comum, que possa estar no cerne de nossas cegas buscas, tanto na condição de apreciadores de cultura, quanto na condição de produtores. E acredito que este fator já foi levantado de forma periférica aqui nesta tarde em diversas opiniões, e foi abafado por inquietações pessoais. Refiro-me a pertinente idéia levantada por um colega relativa a *convivência* e a *presença* nos eventos artísticos. Se para tal aproximação utilizamos, inicialmente, o auxílio de termos que já se tornaram históricos, exaustivamente analisados e apropriados com maior ou menor grau de sucesso, como: espetáculo, happening, performance e tantos outros, isso pouco deveria nos preocupar. Mas sim com que postura apreciamos ou geramos arte.

O meio artístico é frequentado por motivos como: fetichismo, especulação financeira, status, erotismo, reconhecimento. A maior parte dos indivíduos apenas busca inserir-se nas redes sociais que o compõe a procura de vantagens particulares. Poucos são os interessados em contribuir para uma linguagem, uma tradição ou estabelecer algum comentário sincero no mundo que envolva risco e fragilidade. (Há um ditado russo que afirma que a verdade é uma erva rara, mas mais raro ainda é encontrar alguém capaz de digeri-la.)

Somos notoriamente conhecidos por sermos hienas robustas lambendo as feridas umas das outras, apenas esperando que a colega vire as costas para cravarmos nossos dentes já doces do sangue alheio na carne que antes fazíamos carícias... como então atrair mais indivíduos para um meio tão complexo, excludente e contaminado? A estratégia que acredito, com uma fé cegamente mística, que está ao alcance de nossas mãos e que não depende de nenhuma iniciativa de órgãos públicos ou privados, é simplesmente redescobrir meios de

ritualizar nossas experiências artísticas. Tornar cada visita a um museu, cada peça, recital, show ou filme assistido, cada livro, conto ou poema lido, o passeio pelo campo da magia, tabu, espanto, terror e mistério; capaz tanto de nos descolar do torpor alienante da vida cotidiana, como de ser o impulso incontrolável para a criação.

Deveríamos desejar que após cada um destes eventos nosso arcabouço intelectual, que tanto nos orgulha e que exibimos de modo tão agressivo e mesquinho, fosse simplesmente corroído e desmoronado, para estarmos sempre recomeçando no limite de nossas mais sublimes potencias. Só assim poderemos exigir a sinceridade e a atenção que almejamos legitimamente. Quando alcançarmos este olhar, o mundo se tornará mais rico e estaremos aptos a notar que ele contém eventos tão ou mais poderosos, do que os emoldurados pela arquitetura dos locais de cultura.

Termos acadêmicos e especializados para qualificar estas experiências não serão mais necessários, uma vez que nossas buscas e finalidades não estarão em consumir ou produzir arte, mas durante nossas atividades diárias, *estar em arte*. Me recordo das palavras de Robert Motherwell, que diz respeito à pratica da pintura, mas que vale para muitas outras coisas; "Já pintei muitos quadros ruins, mas pouquíssimos foram mentiras." Devemos pensar nisso cada vez que botamos os pés em nossos ateliês.

Arte deve ser o modo como se conduz a vida. Para o criador, ocupação profissional e conduta pessoal são indistinguíveis. Recompensas monetárias e reconhecimento social são fatores que não controlamos, ou se controlamos, muitas vezes se dão em detrimento ao trabalho sério. Precisamos entender que o compromisso que está por trás de se trabalhar com Arte é acima de tudo o de polir o espírito. Se tivermos isso claro em nossas mentes, o público reconhecerá e responderá com espontânea adesão. Obrigado."

A caixa de orações

Chegou-me as mãos um objeto de poder. O senso comum os espera adornados em brilho e imponência, mas sabemos se assim for, tratar-se de um poder falso, criado pelo homem para coerção e sem qualquer comprometimento com o divino, o mistério ou o tempo. Os objetos verdadeiramente imbuídos de magia se parecem com quaisquer outros e suas qualidades extraordinárias são atribuídas por nós, que identificamos algo que nos pertence refletido em suas estruturas. Quando em presença destes irresistíveis imãs de sedução, a racionalidade pouco atua, e passamos a ser controlados pela ludicidade infantil do vôo, conduzidos sobre as mais belas imagens de contentamento por períodos de tempo indefinidos,

delicadamente apenas, regradas pela prudência de não esgotar a experiência para recomeços posteriores.

Cada um de nós possui um repertório de matizes e formas que nos acompanha, direcionando-nos para estruturas que estimulem estas inclinações. Em determinadas ocasiões as escolhemos, em outras somos por estas escolhidos. Mas independente da forma que adquiram, sua função é sempre de nos auxiliar e possibilitar o engrandecimento interno.

Um objeto de poder em particular me fornece contornos sensoriais ao tempo; me faz mensurar as horas pelo aroma do jasmim, do sândalo, e da lótus nos bastões de incenso em fila dos mosteiros chineses; também me transporta as mesquitas mais longínquas que nunca conhecerei, durante as 5 sagradas horas de Alá; e pelo caminhar do jaguar, *que mede com secretos passos iguais o tempo e o espaço do cativo*⁴.

Agradeço a este singelo tesouro por estas visões. Elas amenizam minha espera, me dão esperanças e auxiliam minha busca por caminhos secretos. Como as mulheres *saami* em vestes cerimoniais que sussurram o nome das montanhas para o xamã, aguardando que suas pernas ou braços se movam indicando o local certo de seu transe, vago pelos 29 cânticos contidos em minha caixa de orações, procurando pela melodia certa que vai me transportar ao monte em que também devo meditar.

Expedicionários

Sempre fui atraído por condições de existência em que prevalecessem estruturas de conduta muito simples, honestas e humildes, com posturas claras a serem adotadas e que lidassem exclusivamente com os fatos essenciais da vida: monastérios, regimes militares e viagens migratórias me parecem excelentes formas de assegurar tais condições. Agarro agressivamente estas oportunidades sempre que se insinuam, porque, mesmo que ocorra algum nível de reintegração a um cotidiano mais ordinário e menos ritualizado após tais vivências, não intenciono olhar para trás e saber que não tive coragem de empurrar decisões desta natureza adiante enquanto fui jovem e capaz.

Acredito que por isso as vezes eu transpire ódio e inconformismo, justamente por desejar tanto os dias de partir. Mas este suor não é apenas ansiedade, é a esperança de produzir um rio, de nele ter a chance de mergulhos profundos e ir o

⁴ BORGES, Jorge Luis. *O Aleph*. São Paulo: Editora Globo, 2005. Página 121.

mais longe que puder de onde me encontro. Quero me tornar irreconhecível até para mim mesmo. Quero ser o autor de minha solidão em cada jornada. Mas não quero ser uma pessoa definitiva, apenas caminhar ao lado de meu verdadeiro vento. No entanto, como Bob Dylan ensinou, “*é impossível ser esperto e apaixonado ao mesmo tempo*”⁵, e constantemente me afobo. Sou assombrado por impedimentos que eu mesmo criei. Então, antes de enfrentar os caminhos de fora, a expedição primeira é sempre interior.

Tenho certeza que esta próxima peregrinação não será fácil, mas acredito que já a comecei, com uma perna claudicante e sob a sombra de Astérion. Surpreendente exemplo de resignação e paciência por não reagir aos golpes de Teseu, seu implacável redentor. Amparado por sua conduta e pelo impulso nutrido pela imobilidade, me movo lentamente até a hora de sair do labirinto que se tornou a casa em que repouso. Deste acidente já saio com o aprendizado da espera e repleto do desejo de caminhar.

Choque

Constelações por onde dirigir o barco da alma.

Como Ganesh, o deus dos Inícios

*A morte é um vago desconforto.*⁶

Recordo-me da lição de Física sobre o funcionamento do relógio movido a quartzo. O cristal é colocado sobre grande compressão, num espaço tão apertado, que basta um único impulso elétrico para que suas moléculas se agitem com velocidade suficiente para mover todo o mecanismo do aparelho por longos períodos. Com minha haste de metal estabeleço uma comparação semelhante. A pressão e o atrito exercido por meu corpo para inutilmente expulsar este estranho

⁵ SCORSESE, Martin. *No Direction Home: Bob Dylan*. Paramount Pictures, 2005.

⁶ BEY, Hakim. *Caos – Terrorismo Poético e Outros Crimes Exemplares*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003. Página 19.

fragmento é de tamanha intensidade, que seus reflexos são sentidos na carne e nas atitudes.

Acordo diversas noites com minha perna tremulando. Volto de meu repouso com o membro a convulsionar. A aflição, mais do que a dor, é grande e acabo segurando-a na tentativa de acalmá-la. No entanto, o esforço é em vão, os movimentos involuntários me oferecem um estranho espetáculo e sinto-me como o mastro do baleeiro cravado com a cobiçada onça de ouro. A integridade de minha verticalidade me parece comprometida pelo material. Não sei o que sou, mas certamente não sou mais o mesmo e divago sobre ser ele o estopim de meu naufrágio, ou o reforço de que necessitava.

Será preciso uma convivência maior e sem antecipações para saber, mas uma coisa é certa; minha ganância foi aguçada pelo sabor metálico que ficou na saliva e necessito tirar o que puder desta fusão impossível. Estou cansado de sair perdendo de minhas dores e provações. Mas ao mesmo tempo estou desprovido de propósito e não quero ser nem generoso nem egoísta com tudo isso. Talvez acessível como uma criança, perseguido por obsessões, desempregado, sexualmente perturbado. Mas nunca o detentor de certezas. Almejo apenas ter a chance de novos inícios com o barco d' minha alma, aproveitando a curiosa alternância entre fragilidade e confiança que a rigidez e a resistência deste *meteoro* me proporcionam. Se algo semelhante assim se der, esta ficção bem fundamentada já terá valido a pena, e a dor sido um vago desconforto.

A besta

Devemos libertar nossas feras em campo aberto e longe de todos, para que não façam mal a ninguém e aprendam aos poucos, com seus olhos sensíveis à luz, as belas cores do mundo que as cerca. É importantes mantê-las magras e lhes dar o direito a estes passeios, para que o sebo de seu couro não contamine nossos templos. Mas devemos ter a cautela de não torná-las atléticas, porque isso seria vaidade. Cães de guarda também mordem seus donos.

Uma vez vi dois papagaios dividindo o espaço de um único poleiro, um pronunciava apenas a palavra "paz", o outro apenas a palavra "guerra". Como dois machos nunca compartilham territórios, testemunhei um combate só encerrado quando um deles amputou a perna acorrentada de seu oponente, que permitia o constante retorno ao graveto. Qual deles saiu vitorioso? O que perdeu um membro e ganhou a liberdade por extenuante sacrifício, ou aquele que se manteve preso a seu trono? Por qual pássaro torci?

Só tenho a esperança de que as palavras que escrevo agora não soem para mim mesmo do mesmo modo daqui 10 anos.

Conclusão

Neste ponto deveria sentir-me apto em poder alinhar as partes que compõe este estranho *todo/feltro*, no entanto, percebo-me vagar sem destino. O que é muito diferente de vagar displicentemente. Rumei cada dia para uma direção, acompanhado por um guia diferente, trilhando caminhos labirínticos que não me levaram a ponto determinado algum, mas ao importante e humilde entendimento do recomeço. Parece não haver muitas outras alternativas, *deve* ser assim, *tem* que ser assim; andamos em raios concêntricos, alargando nossos pensamentos lento e gradualmente cada vez que reconhecemos o molde de uma pegada anterior aprofundada pela intersecção da pisada de um indivíduo mais experiente, que também está por expandir sua própria circunferência. Se necessário for, devemos aceitar bifurcações, apropriar-se da linha do outro, tomá-la para nós e aceitar o risco, mesmo que isso aparentemente, nos distancie daquilo que julgamos ser central. Caso enganados, podemos até ser obrigados ao exercício do retorno, mas ao menos teremos buscado a origem das coisas onde elas ocorrem; pelo meio, rasuradas, perdas, em sua urgência. É preciso aceitar, que *a lógica de um*

*pensamento é o conjunto das crises que ele atravessa, assemelha-se mais a uma cadeia vulcânica do que a um sistema tranqüilo e próximo do equilíbrio*⁷. Sem esta resignação, resistimos muito pouco, porém quanto mais a aceitamos, mais atraente o risco se apresenta.

Para permanecer em tão rarefeita atmosfera, é fundamental não negligenciar a respiração. E às vezes acredito que todo o segredo está nisso: em ser capaz de controlar o fluxo das idéias e pensamentos como o ar nos pulmões. Mantê-los no interior o tempo necessário, retorná-los ao meio externo após alguma absorção e recuperar algo dos mesmos posteriormente. É preciso deixá-los recombina-se com o que está do lado de fora, não apenas para renovarem-se, mas para termos a chance de vê-los por outro ângulo. Se confiarmos e mantivermos esse movimento continuamente, seremos capazes de atravessar as linhas da dor e da doçura, da vida e da morte, da razão e da loucura em relativa paz, com o mínimo de controle, uma vez que sempre existirá a possibilidade do suspiro.

Ao final desta escrita, após alternar trechos de revolta, inconformismo e certa imaturidade, acredito que me encontro em conciliação com o recente obstáculo que enfrento. Deve ele ser mais um dos desejos perdidos, que quando criança, ao colocar meus dentes de leite sob o travesseiro para a Fada me recompensar, fiz para tornar-me forte e resistente. Mal sabia eu que na verdade não provaria meu valor resistindo a dor sem lágrimas, mas expondo e residindo no cerne de meus medos e fragilidade.

Atualmente, a idéia de acidente me parece cada vez menos crível. Mas agora isso também não importa. Sou apenas mais um mortal, aprendendo o instintivo ato da contração e da expansão, do mover e do repousar sob o silencioso brilho peregrino da quadratura.

⁷ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. Página 106.

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BEY, Hakim. *Caos – Terrorismo Poético e Outros Crimes Exemplares*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.

BORGES, Jorge Luis. *O Aleph*. São Paulo: Editora Globo, 2005.

CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil de Faces*. São Paulo: Editora Pensamento, 1997.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

RILKE, Rainer Maria. *Cartas do poeta sobre a vida*. São Paulo: Martins, 2007.

SCORSESE, Martin. *No Direction Home: Bob Dylan*. Paramount Pictures, 2005.